

Boletim Semanal* – 11/2020 – 17 de julho de 2020

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Segundo o Boletim da Conab a gradativa queda dos preços, se deve ao aumento da oferta proveniente da produção da 2ª safra, e também ao início da colheita da 3ª safra a partir do final de julho. Nessa temporada 2019/20, a produção nacional de feijão na primeira safra está consolidada, apresentando um volume final de 1.109,1 mil toneladas. Já o feijão de segunda safra está em fase final de colheita, com estimativa de produção na ordem de 1.254,6 mil toneladas. E por fim, as lavouras de terceira safra, que estão em pleno desenvolvimento, demonstram perspectiva de obtenção próxima a 792,8 mil toneladas.

FRUTICULTURA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

O momento vivido por grande parte da população mundial, acometida pela pandemia do coronavírus, é de apreensão e incerteza acerca da trajetória futura de si próprio e da humanidade. Hábitos, comportamentos e costumes se alteraram num curto período e a adaptação aos novos tempos passaram e passarão pela alimentação.

As medidas de isolamento social induziram a um incremento na procura de itens industrializados e semiprocessados, ligados ao entretenimento indulgente, calórico e conveniente, mas não necessariamente saudável. É o que indica o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - ESALQ - Universidade de São Paulo – USP, analisando um estudo da empresa Kantar - Pesquisa de Mercado -, publicado no fim de junho último.

A demanda de produtos saudáveis, frutas e hortaliças, por exemplo, ficou relegada à um terceiro momento, demonstrou a análise acima. No entanto, quando as autoridades médicas abordam sobre doenças e a potente virose, a imunidade e a resistência física são imperativos para o enfrentamento das patologias e o consumo adequado dos produtos do pomar e da horta tornam-se aliados no combate para uma vida saudável.

A muito, a Organização Mundial da Saúde – OMS, recomenda uma dieta balanceada de frutas e hortaliças, cuja aquisição perpassa o capital e a renda necessários para a composição desta cesta de alimentos ideal. Desde 2003 preconiza-se o consumo de 400 gramas de frutas e hortaliças, distribuídos em cinco porções diárias em cinco ou mais dias da semana. Meta facilmente alcançada em países e populações de alta renda, em contraponto distante de nações pobres e de economia claudicante.

A Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018 – POF – do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE -, aferiu um consumo de 23,78 kg/hab./ano de hortaliças e 26,41 kg/hab./ano de frutas, somando 50,19 kg/hab./ano. Mensuração desmembrada em 137,51 g/hab./dia, representando pouco mais de 34,38% da recomendação da OMS.

Por outro viés, o Ministério da Saúde em seu estudo "Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico Brasil 2019" – VIGITEL 2019, observou que o consumo de frutas e hortaliças em quantidade mais adequada - ou seja, cinco porções por dia em, pelo menos, cinco dias da semana -, subiu de 20%, em 2018, para 22,9%, em 2019.

Boletim Semanal* – 11/2020 – 17 de julho de 2020

Mesmo que modesto, o consumo de frutas e hortaliças apresentava evoluções na participação da dieta do brasileiro, com o advento da pandemia e os efeitos econômicos deletérios na renda da população e sob o princípio da elasticidade-renda da demanda na Teoria Econômica, percebe-se a tendência de redução de consumo destes produtos.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

O primeiro semestre de 2020 foi bastante conturbado para a cultura da mandioca, em nosso Estado. Os primeiros três meses foram marcados pela falta de chuva, o que dificultou o arranquio, mas as maiores dificuldades foram registradas no segundo trimestre.

Durante os meses de abril, maio e junho, além da continuidade da seca iniciava-se o período da pandemia causada pelo Coronavírus o COVID-19 que afetou os trabalhos de campo e foi o principal causador da queda nos preços. Com a pandemia, os trabalhos no campo tiveram algumas restrições devido à complexidade no transporte dos trabalhadores, causando aumento nos custos e reduzindo o fornecimento da mandioca às indústrias. A ociosidade industrial aumentava e chegou em alguns momentos acima de 50% da capacidade instalada, provocando a redução de turnos de trabalho e até dispensa de funcionários temporariamente.

Atualmente, em função da flexibilidade e a volta ao funcionamento de alguns setores que utilizam a fécula, nota-se uma pequena reação na demanda pelo produto. Na semana de 6 a 10 de julho, o produtor recebeu em média de R\$ 346,24/t de mandioca posta na fábrica, aumento de 4,4% comparado à semana

anterior. Enquanto a fécula e a farinha, no mesmo período, foram comercializados, no atacado, por R\$ 52,62/sc de 25 kg e R\$ 79,66/sc de 50 kg, respectivamente. Estes dois valores se mantiveram estáveis em relação à semana passada.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

A segunda safra de milho no estado do Paraná deve ter um avanço na colheita nos próximos dias, justamente porque a previsão do tempo é de condições favoráveis à colheita. Neste momento temos aproximadamente 70% da área na fase final, ou seja, maturação. Mais de 80% das lavouras a campo tem condição boa ou média. Para esta safra permanece a estimativa de uma produção de 11,4 milhões de toneladas. Já o mercado apresentou alta de preços nos últimos dias, hoje a saca de 60kg é negociada no atacado com preços superiores a R\$ 40,00. Até esta semana já foram colhidos 11% de uma área total de 2,3 milhões de hectares. Com o avanço da colheita nos próximos dias espera-se também um aumento na comercialização.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido*

Segundo o último levantamento divulgado pela Secretaria de Comércio Exterior - SECEX – o valor proveniente da exportação do complexo soja (soja em grão, óleo e farelo) pelo estado do Paraná, nos primeiros seis meses de 2020 foi de US\$ 3,26 bilhões. Esse valor foi 30% superior aos US\$ 2,51 bilhões referentes ao mesmo período de 2019. Em termos de

Boletim Semanal* – 11/2020 – 17 de julho de 2020

volume o aumento foi de 36%, passando de 6,91 milhões de toneladas, para 9,42 milhões.

A soja em grão é responsável por mais de 79% do volume total exportado pelo complexo soja no Estado. No primeiro semestre de 2020 foram 7,45 milhões de toneladas do grão, volume 57% superior ao mesmo período de 2019, quando foram negociados 4,75 milhões de toneladas. Em relação ao volume financeiro, a soja em grão gerou para o Paraná no primeiro semestre aproximadamente de US\$ 2,53 bilhões, valor 51% superior ao US\$ 1,68 bilhão, referente ao mesmo período de 2019. Entre os fatores que motivaram esse avanço, estão a maior oferta de soja paranaense nesta safra e a relação cambial que está mais favorável para as exportações brasileiras neste ano de 2020.

Entre os principais destinos da soja paranaense no primeiro semestre de 2020, a China foi responsável por consumir 6,73 milhões de toneladas, ou mais de 90% da soja em grão paranaense. Na sequência aparece o Paquistão que comprou aproximadamente 209 mil toneladas ou 3% do total e Bangladesh com aproximadamente 156 mil toneladas ou 2% do total negociado.

Produtor do Paraná é campeão de produtividade de soja*

**Assessoria de Imprensa SEAB*

O produtor rural Laércio Dalla Vecchia, de Mangueirinha, obteve a maior produtividade de soja do país. Na safra 2019/2020, ele colheu 118,82 sacas por hectare, uma façanha considerável, levando-se em conta que a produtividade média das lavouras brasileiras é de 50 sacas por hectare. O produtor paranaense participou do concurso "Desafio Nacional de Máxima Produtividade da soja", realizado pelo

Comitê Estratégico Soja Brasil (Cesb), que reuniu produtores de todo o país.

O segredo, segundo o produtor, foi investir no solo e monitorar a lavoura, sempre com o apoio da assistência técnica do IDR-Paraná (Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná- Iapar-Emater). Esta foi a primeira vez que o Cesb premiou um produtor que conseguiu grande produtividade sem usar inseticida na lavoura.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo W. Godinho*

Com expectativa de uma semana de menos chuvas, e com o tempo já mais seco ao longo dessa semana, devemos ter a conclusão dos últimos plantios de trigo no Paraná. Também não há previsão de geadas no curto prazo, o que mantém a expectativa de colhermos uma boa produção, podendo atingir 3,7 milhões de toneladas. Este volume pode ser determinante para que os preços de panificados se mantenham sobre controle.

No primeiro semestre deste ano os derivados de trigo acompanhados pelo IPCA mostraram incremento de 2,3%, enquanto o índice geral de inflação subiu apenas 0,1%. O preço médio do pão francês no Paraná se manteve acima de nove reais em todo segundo trimestre, acumulando variação de 3,7% segundo a pesquisa de preços de varejo do DERAL. Essa alta podia ser pior quando observamos o incremento de mais de 30% no trigo disponível neste semestre, que tem se mantido acima de R\$70,00/60 kg, segundo pesquisa de preços no atacado do Departamento. Esta alta só não foi repassada as farinhas por moinhos que conseguiram montar bons

Boletim Semanal* – 11/2020 – 17 de julho de 2020

estoques de trigo na época da safra, especialmente de trigo local, mais barato que o importado.

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

O “Ciclone Bomba” (ciclone extratropical), ocorrido no dia 30 de junho 2020, que atingiu os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, provocou alguns efeitos pontuais na olericultura como também em outras atividades agrícolas.

Os danos do ciclone foram de intensidade variável nas diversas regiões do Estado.

Neste momento os produtores rurais do seguimento da olericultura, estão contabilizando as perdas e prejuízos causados pelo ciclone em terras paranaenses. A preocupação também é justificada, uma vez que a atividade é importante para garantir a renda do produtor, que por hora encontra-se comprometida.

Batata 2ª safra

Segundo o boletim do CEPEA, na semana (06 a 10/07), o preço da saca de 50 kg da batata ágata tipo especial teve pouca mudança nas centrais de distribuição. Na capital paulista, o valor ficou em R\$ 97,29 (-3,73%), em Belo Horizonte/BH a R\$ 87,33 (-1,33%) e na Ceasa do Rio de Janeiro/RJ a R\$ 93,04 (+4,27%). Segundo atacadistas, a entrada ocorre principalmente das praças do Sudoeste Paulista e Vargem Grande do Sul (SP), Sul de Minas (MG) e Cerrado Mineiro (MG).

Poucos deles receberam do Paraná, decorrente da chuva que atrapalhou a colheita e

também devido ao volume da safra das secas estar bem menor neste ano, em função da quebra de produção no estado, decorrente da estiagem, que afetou da mesma forma o Rio Grande do Sul. Para a próxima semana, é esperado aumento da oferta pela intensificação da colheita de inverno.

PECUÁRIA LEITEIRA

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Leite no Sudoeste Paranaense

Nos últimos anos, a região sudoeste do Paraná tem sido a maior produtora de leite do estado. No ano de 2017 esta região produziu aproximadamente 1 bilhão de litros de leite. Sozinho, o Sudoeste representou 25% de todo o leite produzido no estado, ficando à frente das regiões Oeste [21%] e Centro-Oriental (16%), que engloba municípios tradicionais na produção leiteira como Ponta Grossa, Palmeira (Colônia Witmarsun) Castro, entre outros. Entre os anos de 2008 a 2018, a região ampliou sua produção em aproximadamente 98%.

A região Sudoeste não aumentou somente o volume de leite produzido, mas também elevou a qualidade de seu produto. Os produtores passaram a investir mais em tecnologias. Programas de governo e o trabalho realizado pela Emater (agora IDR) na região, melhoraram em muito as técnicas de produção, nutrição e manejo, o que juntamente com a melhoria genética dos rebanhos, resultou não somente no aumento da produtividade, mas também na qualidade do leite.

Núcleo regional de Pato Branco

Segundo matéria do site MilkPoint, no ano passado, os 15 municípios de abrangência do Núcleo

Boletim Semanal* – 11/2020 – 17 de julho de 2020

Regional de Pato Branco da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SEAB), produziram pouco mais de 364 milhões de litros de leite. Destes, os municípios de Chopinzinho, São João, Mangueirinha e Coronel Vivida foram os que mais produziram. Juntos, chegam a um total de 181.882.374 litros de leite.

Rebanhos e produção

Do total do rebanho em produção leiteira na microrregião, existem 61.695 cabeças de vaca holandesa, que fecharam 2019, com a produção de cerca de 283 milhões de litros de leite. Segundo o Núcleo Regional em Pato Branco, a região fechou o ano com 17.187 cabeças de rebanho misto. A produção de leite misto no ano passado foi de pouco mais de 39 milhões de litros de leite. Por fim, a produção de leite de rebanho Jersey, com cerca de dez mil cabeças, foi de 41 milhões de litros.

Chopinzinho

No Sudoeste, Chopinzinho é um dos maiores produtores de leite. Por dia, cerca de 166 mil litros de leite são produzidos, somente no município. São envolvidos na atividade leiteira cerca de 700 produtores rurais. Destes, pouco mais de 200, tem na cadeia leiteira a única forma de sustento familiar. De acordo com a Secretária Municipal de Agricultura, Chopinzinho conta com um rebanho leiteiro de 13.680 vacas em produção, e chega a uma produção anual de mais de 63 milhões de litros de leite.

A produção de leite é a terceira atividade econômica mais importante do município, e a primeira no quesito social, tendo em vista que 700 famílias estão envolvidas na atividade

AVICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Avicultura de corte deverá crescer em 2020

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal - ABPA - em 2019, o Brasil produziu 13,24 milhões de toneladas de carne de frango, exportou 4,21 milhões de toneladas, e disponibilizou no mercado interno 9,031 milhões de toneladas, resultando num consumo per capita de 42,84 kg por habitante/ano.

De acordo com informações divulgadas no dia 15/07 pela entidade maior do setor da produção de proteína animal nacional, no ano de 2020 deve ocorrer aumento na produção, na exportação e no consumo interno de carne de frango. Em 2020, a produção de carne de frango deverá ter acréscimo entre 3% a 4% no comparativo com 2019, alcançando de 13,70 a 13,80 milhões de toneladas.

A exportação nacional deverá situar-se entre 4,35 e 4,45 milhões de toneladas, resultando num crescimento da ordem de 3 a 5%. Já o consumo per capita de carne de frango deverá crescer 2,5%, chegando a 43,90 kg por habitante.

Entretanto, para a entidade a arrecadação com os embarques da proteína avícola devem diminuir em comparação ao ano passado, fato explicado pela retração econômica mundial decorrência da pandemia mundial do novo coronavírus (Sars-Cov-2 / Covid-19).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) prevê uma recessão mundial de 6% para 2020 caso a pandemia de coronavírus permaneça sob controle e uma retração de 7,6% no ano em caso de segunda onda, de acordo com as perspectivas econômicas publicadas no dia 10/6.

Boletim Semanal* – 11/2020 – 17 de julho de 2020

1º semestre: Exportação brasileira de carne de frango cai 9,3% em faturamento, mas cresce 1,2% em volume exportado

Segundo o Agrostat Brasil, em nível de nacional, no primeiro semestre de 2020, as exportações de carne de frango reduziram-se 9,3% em faturamento, mas cresceram 1,2% em volume.

O faturamento atingiu a cifra de US\$ 3,09 bilhões, representando uma retração próxima a 9,3% em relação ao acumulado de 2019 (US\$ 3,41 bilhões). Em termos de quantidade exportada deu-se um aumento de 1,2% (2019: 2.034.175 toneladas e 2020: 2.058.536 toneladas).

No período o país exportou 98% de carne de frango na forma “in natura” (inteiros e cortes) e apenas 2%, na forma de industrializados.

Numa situação que já se repetiu de janeiro a maio do ano corrente, observou-se um recuo de 9,1% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2019: US\$ 1.591,46/tonelada e 2020: US\$ 1.446,58/tonelada).

Os principais destinos da carne de frango brasileiro, foram (volume e faturamento): China (346.258 toneladas e US\$ 681,743 milhões), Japão (208.254 toneladas e US\$ 362,146 milhões), Arábia Saudita (204.307 toneladas e US\$ 306,206 milhões), Emirados Árabes Unidos (154.710 toneladas e US\$ 226,620 milhões), Hong Kong (78.486 toneladas e US\$ 121,939 milhões), Cingapura (67.653 toneladas e US\$ 108,921 milhões), e, Países Baixos (56.959 toneladas e US\$ 114,060 milhões).

No Paraná os números foram: (janeiro a junho): 2019 (volume: 791.658 toneladas/faturamento: US\$ 1,260 bilhão) e 2020 (volume: 816.921 toneladas/

faturamento: US\$ 1,182 bilhão). Também, para o produto paranaense, houve redução de 8,4% no preço médio da carne de frango “in natura” exportado (2019: US\$ 1.681,34 / tonelada e 2020: US\$ 1.540,78 / tonelada).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador), continua a destacar-se no contexto nacional, com participação de 40,3% do volume exportado pelo Brasil e com 39,4% da receita cambial (US\$), tendo como outros principais produtores e exportadores, os estados de Santa Catarina (24,0%: volume e 25,8%: faturamento) e Rio Grande do Sul (16,2% do volume e 14,4%: faturamento).

APICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Apicultura na Entressafra

No momento, a apicultura vivencia a entressafra (outono/inverno) da produção de mel e produtos apícolas (pólen, própolis e geleia real). Fase de realização de uma série de serviços de manutenção e conservação do apiário.

Em abril e maio, época final das floradas, foi um momento de: fazer limpeza em torno do apiário para ter uma maior incidência de sol nas colmeias, colheita do excedente de mel, cuidando para deixar 8 a 10 kg por colmeia, verificação do estoque de pólen e mel, colmeias com excesso de mel e pólen poderão fornecer favos para as colmeias com pouco estoque, e unir enxames fracos, dentre outros.

Em junho e julho, época de escassez de flores, observa-se as colmeias, e se necessário é feita a reposição de alimento proteico para manutenção. Também é feita a verificação da reserva de mel e se

Boletim Semanal* – 11/2020 – 17 de julho de 2020

necessário é fornecido alimento energético e, inicia-se, de acordo com a região, o fornecimento de alimentação para estimular a postura, 40 a 60 dias antes das grandes floradas (primavera/verão), dentre outras atividades.

A apicultura caracteriza-se pela exploração econômica e racional da abelha do gênero *Apis* e espécie *Apis mellifera*. É uma atividade de reconhecida importância na geração de emprego e renda, fator de diversificação da propriedade rural e proporciona benefícios sociais, econômicos, ecológicos e ambientais.

Mel: produção nacional de 42.346 toneladas

Segundo o IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (PPM - 2018), a produção nacional de mel em 2018 foi de 42.346 toneladas, contribuindo a produção paranaense de mel com 6.294 toneladas (15% da produção nacional).

Esse volume de produção mantém o estado do Paraná no segundo lugar do ranking nacional, já que o estado do Rio Grande do Sul, que tradicionalmente é o primeiro produtor nacional de mel, atingiu o total de 6.428 toneladas.

Mel: exportação de 30.039 toneladas em 2019

Em 2019, o Brasil exportou 30.039 toneladas de mel, gerando receita cambial de US\$ 68,38 milhões, número maior em volume (+ 5,31%) e menor em receita cambial (- 28,32%), comparativamente a igual período de 2018 (volume: 28.524 toneladas e receita cambial: US\$ 95,41 milhões).

O preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 2.276,50/tonelada (US\$ 2,28/Kg, 25,49%, a menos que o valor médio de igual período do ano de 2018 (US\$ 3.060,62/tonelada (US\$ 3,06/Kg).

Em tal ano, os principais estados exportadores (volume), foram: 1º - Santa Catarina (US\$ 19,260 milhões, 8.123 toneladas e US\$ 2,37/kg); 2º - Paraná (US\$ 16,657 milhões, 7.935 toneladas e US\$ 2,10/kg); e, 3º - São Paulo (US\$ 10.277 milhões, 4.253 toneladas e US\$ 2,42/kg).

O principal destino para o mel brasileiro (80,48% de todo volume exportado em 2019), foi mais uma vez os Estados Unidos da América - (volume de 24.176 toneladas, receita cambial de US\$ 54,213 milhões) e preço médio de US\$ 2,24/kg.

Exportação em 2020 é maior 72,8%

Nesse ano em andamento, de janeiro a maio, o Brasil exportou 15.668 toneladas de mel in natura, volume 72,8% maior do que aquele obtido em 2019 (9.066 toneladas). Tal volume gerou receita cambial de US\$ 30,478 milhões, 29,7% a mais que em igual período de 2019 (US\$ 23,491 milhões).

O preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 1.945,25/tonelada (US\$ 1,95/Kg), 25,93%, a menos que o valor médio de igual período do ano de 2019 (US\$ 2.591,10/tonelada (US\$ 2,59/Kg).

Diferentemente de 2019, nesses primeiros cinco meses o estado do Paraná é que desponta como o maior exportador de mel in natura (US\$ 7,725 milhões, 4.196 toneladas e US\$ 1,84/kg). A seguir vem os estados: 2º - Santa Catarina (US\$ 7,392 milhões, 3.677 toneladas e US\$ 2,01/kg); 3º - São Paulo (US\$ 5,808 milhões, 2.876 toneladas e US\$ 2,02/kg); 4º - Piauí (US\$ 5,327 milhões, 2.864 toneladas e US\$ 1,86/kg), e, 5º - Minas Gerais (US\$ 1,530 milhões, 761 toneladas e US\$ 2,01/kg).

O principal destino para o mel brasileiro em 2020 continua sendo (80,2% de todo volume exportado em

Boletim Semanal* – 11/2020 – 17 de julho de 2020

2020), os Estados Unidos da América - (volume de 15.562 toneladas, faturamento de US\$ 23,912 milhões e preço médio de US\$ 1,90/kg).

Os outros principais destinos do mel brasileiro, são (volume, faturamento, preço médio): Alemanha (1.224 toneladas / US\$ 2,686 milhões / US\$ 2,19/kg), Austrália (936 toneladas / US\$ 1,839 milhões / US\$ 1,96/kg), Canadá (538 toneladas / US\$ 1,009 milhões / US\$ 1,88/kg).

Fiquem ligados no DERAL:

<http://www.agricultura.pr.gov.br>

[Facebook.com/deralseabpr](https://www.facebook.com/deralseabpr)

Instagram: @deralseabpr